

Reflexão Coletiva Memória

Data: 27 maio 2018 (das 10h00 às 18h)

Local: Fundação Gonçalo da Silveira (Lisboa)

N.º de participantes: 17 pessoas, incluindo 2 avaliadoras como observadoras Facilitadora e relatora da sessão / Elaboração da Memória: Cecília Fonseca

Com notas de Dalila Coelho

1. Contextualização e proposta de Reflexão Coletiva

Em 2016, o projeto *Sinergias ED* promoveu um processo de Sistematização de Experiências (SE), no início da sua segunda edição, relativo aos processos vividos na edição anterior ficando prevista uma segunda fase, em 2018, referente aos dois anos sucessivos. Refletindo sobre o primeiro processo, foi sendo discutido ao longo da segundo edição, nomeadamente nos quatro encontros de trabalho entre Instituições de Ensino Superior (IES) e Organizações da Sociedade Civil (OSC), como enriquecer um processo semelhante através de uma maior apropriação dos e das participantes em todos os passos geralmente dados numa SE (planeamento, dinamização das sessões, registo, comunicação, por exemplo) e da possibilidade de registo de momentos e aprendizagens ao longo do mesmo. Foram propostas e revisitadas ferramentas, como o registo de memórias e aprendizagens, e foram discutidos os possíveis formatos de uma SE.

Fomo-nos apercebendo da dificuldade de maior envolvimento dos e das participantes, não só pela natural carga de trabalho de cada uma como pelo número de atividades que o próprio projeto compreende.

Tendo estes fatores em mente, propusemos fazer um encontro de um dia de reflexão coletiva que, mesmo que numa estrutura diferente, mantivesse a possibilidade de refletir a partir do vivido, pelas pessoas envolvidas.

Da discussão sobre os formatos e conteúdos de uma reflexão coletiva propostos pelos/as participantes no quarto encontro de trabalho, foram sugeridas algumas questões e elementos como:

- o que constitui o verdadeiro processo de colaboração. Dinâmicas. Passos. O que fica?
- O potencial empoderador do processo de colaboração.
- Os impactos do alargamento da relação entre duas entidades a grupos colaborativos.
- A permeabilidade entre OSC/IES no âmbito da ED.

- O impacto das colaborações sobre dinâmicas internas (horizontalidades) e transferência institucional – o que passa/ou das pessoas participantes para as instituições.
- Reflexão sobre os pontos críticos das colaborações.

Assim, foram definidos como objetivos para a Reflexão Coletiva:

- refletir sobre processos colaborativos.
- Extrair aprendizagens a partir do eixo do exercício de Sistematização de Experiências realizado em 2016.
- Preparar a comunicação sobre a reflexão conjunta para o encontro final do projeto.

Da Sistematização de Experiências realizada em 2016, indicaram-se algumas das principais aprendizagens e recomendações¹ e relembrou-se o eixo construído durante esse exercício: "a influência das caraterísticas institucionais e da natureza das relações interpessoais sobre os processos coletivos".

2. Conhecer e Colaborar

A primeira atividade do dia visou, mais do que energizar as e os participantes, possibilitar algum diálogo e interconhecimento entre eles/as, em pequenos grupos de duas ou três pessoas, e lançar as bases sobre duas grandes áreas do projeto a partir das visões e opiniões de cada um/a.

Cada pessoa recebeu um papel que poderia ter diferentes questões. Algumas pessoas ficaram com um papel com as perguntas: *O que é conhecer? Como conheço? O que faz mudar a forma como conheço?*

E outras: O que é colaborar? Como colaboro? O que faz mudar a forma como colaboro?

Num primeiro momento, cada um/a pensou sobre as suas questões. Num segundo momento, foi pedido que se aproximassem de uma outra pessoa e, em par (ou trio), que trocassem ideias sobre as suas respostas, independentemente das perguntas que tinham.

Após alguns minutos, os pares ou trios passaram as notas das suas discussões para post-its ou passaram-nas diretamente para dois painéis: o painel "Conhecer" e o painel "Colaborar".

¹ Documento disponível em: http://www.sinergiased.org/images/biblioteca/se.aprendizagens.pdf

"Colaborar"

O que é?

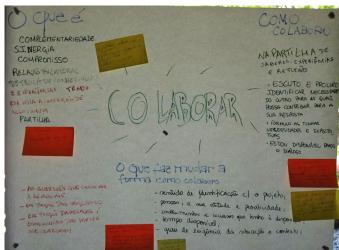
- Complementaridade, sinergia, compromisso, partilha
- Relação bilateral de troca de conhecimentos e experiências tendo em vista a construção de algo comum
- Trabalho em conjunto
- As questões que colocam à realidade
- Em função dos objetivos
- Em função da relação / envolvimento das partes que colaboram
- Estabelecer relações de confiança
- Entendimentos diferentes de reciprocidade
- Abertura à mudança

Como colaboro?

- Na partilha de saberes, experiências e reflexões
- Escuto e procuro identificar necessidades do outro para as quais possa contribuir para a sua resposta
- Formulo as minhas necessidades e expetativas
- Estou disponível para o diálogo

- Do eu ao espaço coletivo => necessidade de: criar diferentes tempos; saber escutar; saber agir (escala

de Belbin)



O que faz mudar a forma como colaboro?

- Sentido de identificação com o projeto
- Pessoas, a sua atitude e proatividade
- Instrumentos e recursos que tenho à disposição
- Tempo disponível
- Grau de exigência da situação e contexto.
- Espaço individual no processo de colaboração
- Objetivos pessoais tornam-se agenda coletiva
- Refletindo criticamente sobre os vários processos, também os que implicam colaboração.
- 1) Aprendizagem com o modo como os outros colaboram
- 2) O modo como o outro "está" no grupo
- 3) Auto-consciência.

"Conhecer"

Querer saber mais => Insatisfação Procurar interpretar / entender

- Vivenciar / experimentar → + refletir
- Perguntar- "se" / Questionar- "se"
- Ler, observar, escutar
- Dialogar, debater (resultam em) = curiosidade, abertura (outros), auto-estima (confiança)

(achar que se sabe)

Relação → pessoas

→ focos de interesse → adaptação

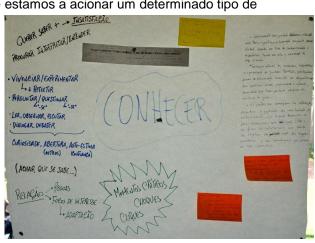
Momentos críticos – choques – cliques

Conhecer: destruir e reconstruir o que sabe ----Tempo e jogo (?) de distâncias / proximidades Processos

Como conheço?

- autoconsciência – quando temos consciência de que estamos a acionar um determinado tipo de conhecimento?

- os diferentes sentidos.



Mudo a forma como conheço numa relação de deslocamento:

- do ser individual para o ser coletivo
- do ser coletivo para "outro" ser coletivo.

O aue é conhecer?

Aproximar-se – tirar tempo – deter-se em - pode implicar experenciar 2 sentidos "contrários": ser conhecedor; contato superficial ("conhecer" tal pessoa)

Como conheço?

formas de buscar info / respostas às questões – modo como se organiza a informação

O que faz mudar a forma como conheço?

- Processo destruir o que já se sabe experenciar acesso a outras fontes acesso a outros pontos de vista / experiências
- Conhecimento como produto de uma interação entre teoria e prática, e colaboração enquanto relação bilateral baseada em troca de conhecimentos e experiências, tendo em vista a construção de algo comum.
- Conhecer através de vivências, experiências e a promoção(?) de quadros teóricos, privilegiando formas de colaboração assentes na disponibilização para partilhar saberes, experiências e reflexões, permitindo que todos possam usufruir dos resultados do grupo.
- As questões que emergem da realidade orientam o processo de construção do conhecimento, que se pode desenrolar de forma colaborativa; cada um altera a sua forma de colaborar em função dos objetivos da ação, das respostas encontradas e das mudanças que ocorrem em cada colaborador.

Estes painéis, bem como as linhas do tempo trazidas por alguns grupos, ficaram expostos na sala para que os/as participantes pudessem ler ao longo da sessão.

3. Reflexão sobre processos colaborativos

No momento seguinte, foi distribuído um grupo de cinco folhas a cada participante com as seguintes perguntas:

- O que motiva/ou a colaboração?
- O que mudou na perceção do/a(s) outro/a(s)?
- O que alterou nas minhas (entidade) práticas?
- O que fica do processo colaborativo?
- O que é que não conseguimos ultrapassar juntos/as?

Foi-lhes pedido que respondessem individualmente e com letra legível (ver a compilação das respostas individuais no fim do documento), tendo em conta a sua experiência no grupo colaborativo em que participa/ram.



Ainda durante a manhã, foram formados três grupos, a partir de uma cor escolhida pelos/as participantes. A proposta deste momento seria que misturassem as folhas escritas por cada um/a e fossem lendo e discutindo o que tinha sido escrito. A dinâmica de leitura e discussão foi decidida por cada grupo.

Foi ainda pedido que identificassem um elemento que pudesse tomar notas e relatar em plenário.

A divisão dos grupos pelas cores das folhas não foi entendida por um dos grupos, que discutiu apenas as respostas à pergunta que correspondia à cor do seu grupo.

Após a discussão em grupo, foram partilhadas as principais reflexões, já em plenário. Cada grupo apresentou os pontos discutidos, por pergunta:

O que motivou e motiva a colaboração?

- Alargar a novas entidades, articular e colaborar com instituições diferentes.
- Criação de um recurso, instrumento, ter algo comum, partilha; identificação com uma causa.
- A motivação para a colaboração como algo que mudou ao longo do tempo: o que motiva hoje é a ligação entre as pessoas e o objetivo é a colaboração.
- Cruzar áreas temáticas/campos de ação, trabalhar com diferentes atores.
- Proximidade geográfica (em alguns casos).
- A colaboração em si mesma.
- Descentralizar a ação e o pensamento sobre a ED (preocupação de novas parcerias).
- Necessidade de criar uma rede colaborativa diferente a Norte, com instituições diferentes.
- Diversificar os processos colaborativos e aprofundar uma rede colaborativa que permitisse implementar projetos/ações que vêm já desde a primeira edição do projeto (trabalho nas ESE).
- Relevância e continuidade das relações pessoais e institucionais.

Foram ainda referidos como aspetos positivos no que tange à motivação e à construção da colaboração:

- o facto de n\u00e3o existirem tarefas espec\u00edficas \u00e0 partida;
- a importância da presença: as reuniões presenciais, o estar junto, poder falar de outras coisas, construir o grupo;
- a construção de grupo nos momentos "cinzentos" das reuniões, nos momentos mortos;
- a própria colaboração ter-se tornado um objetivo da colaboração.

O que alterou nas minhas (entidade) práticas?

- Há uma ideia de processo nas entidades que já estavam no *Sinergias I*. O que vai mudando (entre edições do *Sinergias*) reflete a incorporação de aprendizagens.
- Existência de alterações no grupo.
- Gestão e cuidado com o grupo/pessoas.
- Ter espaço para a reflexão crítica.
- Aumento de intencionalidade: fazem-se as ações com mais consciência dos processos.
- A incorporação de novas metodologias.
- Questão da institucionalização: é difícil alargar a experiência e aprendizagem a toda a IES.
- Quando as ações são muito focadas na própria ação e não no processo mais longo, perde-se o sentido colaborativo mais aprofundado > planear processos com um antes e um depois da ação.
- O projeto trouxe a possibilidade de implementar novas práticas no terreno.
- Constatação de que houve ganhos pessoais e não apenas institucionais.
- Maior confiança, envolvimento, e intenção na ação em ED.
- Valorização das temáticas e dos atores que estão envolvidos no projeto.
- Novas perspetivas do que já se conhece/sabe.
- Ganhos pessoais.

O que mudou na perceção do/a(s) outro/a(s)?

- A pergunta é dúbia: quem são estes outros? Na perceção dos grupos-alvo? Na perceção da equipa?
- Maior perceção sobre as institucionalidades, mas também da diversidade de posicionamentos dentro de uma mesma instituição.
- Há menos heterogeneidade do que à primeira vista se podia pensar: IES/OSC enfrentam desafios similares.
- Interconhecimento / inter-relação IES/OSC → conduziu a uma maior proximidade à condição do outro, maior empatia, nomeadamente quando se trata de entidade distinta da entidade de pertença.
- Maior disponibilidade para questionar.

Para além das pessoas que não responderam a esta questão por não entenderem a natureza da pergunta, outras não conseguiram responder, porque a colaboração não chegou a ser concretizada.

O que é que não conseguimos ultrapassar juntos?

- A falta de tempo, o que levou a uma menor sintonia e a uma menor possibilidade de nos influenciarmos mutuamente.
- Circunstâncias internas das entidades.
- Algumas entidades estão em mais do que um grupo colaborativo, gerando dispersão.
- Algum desligamento da ED/ECG.
- Necessidade de maior perceção ou reconhecimento que a reflexão sobre as aprendizagens é ED.
- Necessidade de maior interconhecimento, para além das tarefas executadas e de olear o trabalho de colaboração.

O que fica do processo colaborativo?

- Relação de confiança.
- Ferramentas de trabalho.
- Formação de uma equipa de trabalho e continuação da colaboração.
- Processo de reflexão rico nas várias dimensões da ED.
- A consciência de que o trabalho colaborativo é em si mesmo um processo de ED.
- Necessidade de questionar se existem dois tipos de conhecimento (há um conhecimento das OSC e um das IES?).
- Visões/experiências diferentes dentro de cada grupo e das ações num mesmo grupo.
- Possibilidade de criar novas relações e relações renovadas (as já existentes).
- O processo é diferente da ação: a ação pode ter sido concretizada (com sucesso), mas o processo não ter sido satisfatório, porque a colaboração foi débil/pouco conseguida. Isto liga-se também à questão das diferentes expectativas que cada um/a pode ter, à articulação individual/institucional.
- A melhoria de uma prática.
- Aprendizagem individual, enquanto pessoas, independentemente das organizações.

De seguida, foi aberta uma discussão coletiva, em que foram introduzidas algumas questões orientadoras:

- O que construímos, porque o fizemos?
- Onde estávamos, onde estamos, para onde vamos?
- O que fazemos diferente hoje?
- Que viabilidade? Depende de quê e de quem?
- O eixo da Sistematização de Experiências mantém-se? Faz sentido?

A discussão centrou-se principalmente na questão da **colaboração**. Descrevemos, de seguida, alguns dos principais pontos debatidos.

O que possibilita a colaboração?

- Dar sentido ao próprio processo, um sentido comum da ação, que passa por mais abertura.
- Encontrar a dinâmica certa e olear os processos.
- A comunicação é muito importante; existem diferentes linguagens. Como é que comunicamos?
- Dar espaço para o processo.
- Fazer algo de forma diferente e dar espaço para a surpresa.
- Reflexão criar espaço e dar tempo para a reflexão; valorizar a reflexão, mais do que planear. Outras pessoas afirmaram que a reflexão tem que ser planeada, uma vez que, se para algumas entidades a reflexão é normal, para outras tem de ser planeada, porque não é algo orgânico.
- Mais predisposição.
- O que nos motiva, mesmo que se altere no processo, tem de estar na base do processo de colaboração.

Colaboração: processo ou produto? Fim ou instrumento?

A partir da experiência do *Sinergias ED* foi referido que podem existir diferentes tipos de colaboração e de compromisso. A colaboração pode ser mais processual ou mais focada em produtos. Foi também referido que os processos colaborativos são sempre uma estratégia, em função de alguma coisa (ou produto).

Abriu-se, neste ponto, um debate em torno da questão se a colaboração é um fim em si mesmo ou um instrumento. Alguns/as participantes defenderam que a colaboração não é um fim em si, mas uma estratégia para chegar a algum lado, a um objetivo comum. Caso contrário, trata-se de um dispositivo experimental, que alguém observa e manipula, fazendo com que a colaboração se torne um simulacro. Questionou-se também se, caso o fim específico da colaboração desapareça, se esta deixa de ter razão para existir.

Para outros/as participantes, no projeto *Sinergias ED* o processo colaborativo não é um meio para chegar a algum lugar. O produto é instrumental para o processo colaborativo.

Ficou assim em aberto a discussão se a colaboração é um fim em si mesmo (e vale por si) ou se precisamos ter um fim específico a que dedicar essa colaboração.

Elementos constitutivos da colaboração

No que tange aos elementos que constituem a colaboração e à relação entre eles, foi referido que no centro das colaborações estão as pessoas e que há que identificar caminhos que potenciem o interconhecimento (proximidade, confiança, valorização do trabalho do/a outro/a) e a empatia (horizontalidade). De modo tal, que o todo se torne maior do que a soma das partes. Mas foi também dito que é importante reconhecer as forças existentes no interior dessa relação.

Uma outra reflexão foi no sentido de se ir além da dicotomia OSC e IES e perspetivar as colaborações numa base mais relacional. O que abriu uma outra discussão: como aferir a influência ou permeabilidade entre entidades? E indo além disso, como se percebe a transformação das entidades e das pessoas que lhes dão corpo?

No decorrer deste debate, foi aberta a questão concreta sobre as diferenças e as semelhanças entre a colaboração em duplas (na primeira edição do projeto) e em grupos. Foi apontado que, em duplas, é mais fácil (des)construir, é mais fácil criar sintonia. São mais focadas. Por outro lado, em grupos, há mais espaço; mais margem de erro; mais linguagens diferentes, é mais visível a necessidade de criar processos.

Assim, questionou-se qual a "dimensão ideal" (em relação ao número de participantes). Foi relativamente consensual que não é o número de entidades que altera a (qualidade da) colaboração. A colaboração depende do "produto" e da finalidade do grupo/dupla; das afinidades entre as pessoas e da motivação, do comprometimento e da organicidade do processo. Mas é um conhecimento que se vai ganhando em conjunto. E é nesse conhecimento e relação que se podem percecionar transformações.

Da dimensão dos grupos, passou-se assim para a discussão sobre a qualidade dos processos colaborativos. Foi questionado o que é a qualidade da colaboração e como se mensura. E a qualidade do produto? E como interferem um no outro? Foi referido que a influência mútua deve ser um critério de qualidade. Se a ação se fez, mas nada mudou, o processo colaborativo teve pouca qualidade, não foi transformador.

Colaboração e a ED

A colaboração é parte do processo de fazer ED. Mas o que é que nos faz afirmar que um determinado processo colaborativo é ED? Quando a colaboração passa por respeitar e ouvir o outro; e pelo diálogo.

Retoma-se assim o debate sobre processo e produto: a ED é um objeto da colaboração, um elemento extrínseco, ou a ED é a base do processo de colaboração? Isto é, a colaboração é um elemento constitutivo da Educação para o Desenvolvimento?

Foi também referido que, no projeto *Sinergias ED*, se está a construir conhecimento em ED: significados, sentidos; uma comunidade que pensa e pratica ED; novos espaços de democraticidade, diálogo, influência; criam-se de redes, espaços coerentes com os princípios da ED, de dissidência e consensos. Ainda que nunca tenha sido objetivo do *Sinergias ED* criar uma comunidade, isso tem-se vindo a reforçar: criar espaços para as pessoas estarem juntas e ver o que daí advém.

Outros questionamentos

A partir da ideia de reflexão como parte dos processos colaborativos, foi referido que refletir sobre o que se faz não é apenas uma questão de planeamento, é também uma questão cultural, de valorizar ou não essa reflexão. Refletir é quase um processo contracultural. Refletir, questionar, "deitar abaixo" o que se fez pode ser incómodo, mas é importante. Muitas vezes temos dificuldade em olhar para o que não está bem. Mas, na contradição ganha-se espaço, isto é, faz-se avançar a relação. Se a reflexão não toca as questões mais sensíveis, não conseguimos avançar. Porém, isto faz-nos questionar se e como nos predispomos para o conflito?

Um outro questionamento levantado, mas pouco discutido diz respeito ao significado de transformação social, palavra recorrentemente utilizada, mas sem grande discussão sobre o seu conteúdo.

4. O que queremos comunicar?

No último momento desta sessão, foi proposto pensar e discutir:

- quais os principais pontos que queremos comunicar;
- quais os formatos de comunicação para diferentes públicos, incluindo o encontro final do projeto.

Foram formados dois grupos para responder às duas questões.

O que queremos comunicar? (transcrição post-its)

- Ideia de "processos colaborativos transformadores" influência / permeabilidade recíproca construção de conhecimento ligação à ED/ECG
- Espaço democrático de construção de conhecimento e influência entre dimensões pessoais e institucionais; re-equacionar relações de poder entre instituições e papéis
- Refletir fora da estrutura do Ensino Superior
- Contar a experiência do diferente caminhos alternativos levar para fora os processos
- Criar um teto comum
- Procurar espaço formal para abrir caminho para a alternativa
- Colaborar é um processo holístico e um fim em si, que compreende (os) valores da ED
- Colaborar → instrumento investigação em ED?
- SE mais-valia em ED
- Circunscrever o que se entende por colaboração
- Como foi / é realizada a relação de colaboração processo e significados pontos críticos e questões geradoras – ligação à ED
- Implicações dos processos e dos resultados
- "Deixar a experiência falar por si mesma"
- Saber comunicar os questionamentos nascidos do(s) processo(s)
- Circunscrever o tipo de colaboração esperado no quadro do Sinergias
- O significado dos processos e resultados
- Importante criar-se tempo para se refletir sobre as práticas
- Qualidade do processo colaborativo influência mútua permeabilidade
- Fundamentação do processo colaborativo como instrumento de investigação em ED em função de objetivos / hipóteses de um projeto
- Mais-valias / transformação crescimento pessoal em ED
- Caraterísticas do processo que condicionam positiva ou negativamente os produtos esperados (a transformação social dos outros e atitudes, disposições, valores, conhecimentos)

Na apresentação feita por este grupo, foi ainda referido que será importante comunicar:

- a necessária atenção aos processos e resultados; identificação dos pontos críticos; questões geradoras.
- Que um processo colaborativo maduro tem que gerar algum conflito, ligando à ideia de permeabilidade.
- Ligar com exemplos concretos.

- Os questionamentos nascidos do(s) processos, com um bom enquadramento e bem formulados. A relevância da reflexão crítica a partir da prática.
- Apontar caminhos alternativos.
- Ligar à ideia de ED, democraticidade, formas alternativas de construção do conhecimento
- Partilhar os próprios processos colaborativos: experiências e práticas.

Como (formatos)? Para quem? Onde? (transcrição post-its)

- Vídeo / filme gerador de debate Quem? Hugo e Cecília; Quando? fim do projeto.
- Comunicar os processos colaborativos e relato das práticas Quem? Cecília, Dalila e La Salete Quando? fim do projeto.
- Revista, portefólio digital e online.
- Posters exposição itinerante; infografia animada (todas estas opções para pós-junho).
- Folhetos para o encontro internacional (opção anulada).
- Repositório Orcies.

Para o encontro internacional:

 linha do tempo do grupo Sinergias ED – desenhar a linha, estendal das fotos; visita guiada à máquina do tempo (Quem? Jorge, Marta Uva e perguntar ao Alfredo);

- envolver organizações, "chefias", comunicação social, TV, jornais, rádio, secretarias de Estado. Para tal, a equipa manda convite geral ao grupo *Sinergias*, envia também convites específicos às direções.

Foi ainda referido, durante a apresentação do grupo, que:

- O filme-exposição poderá servir como potenciador de debates;
- O relato das práticas em formato de portefólio ficaria aberto a novas entradas; seria composto por fichas, equivalendo a 10-12 posters de exemplos, mais um poster de enquadramento.
- Públicos: escolas de ensino básico e redes de OSC e IES.

AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita através de folhas com um termómetro, onde os e as participantes, em diferentes momentos do dia, poderiam colocar a sua "temperatura corporal" (sendo que algumas pessoas colocaram a temperatura da sala) e os "sintomas".

Termómetros e Sintomas

9h30	10h45	13h	16h	18h
30° 35° 20° 20° 36°	35° 36° 25° 25° 36,5° 40°	40° 37° 27° 40° 38° >40° almoço 36°	38° 37° 40° 30° 39° 40° 38°	35° 40° 25° 36°
37° 35° 15° 30° 20°	38° 36° 20° 36° 40°	38° 37° 30° (antes do almoço) 38° 38°	36° 34° 25° 36° 38° >> 40°	32° 15° 37° 35°
	A sintonizar ideias; organizar ideias	>40° Tomada de consciências	Selecionar; priorizar	
Ativação cerebral	Acompanhamento e participação	Acompanhamento intensivo	Acompanhamento e participação	Cansaço, desmobilização
Interessante começar com perguntas e pensamentos básicos: o que é conhecer? O que é colaborar?	A proposta de "cartas" para refletir foi muito adequada para provocar a reflexão em grupo	Belo almoço no jardim. Boa forma de viver o espaço exterior.	Muito interessante a reflexão, mas por outro lado, pessoalmente, o cansaço acusa-se	Idem
Ainda a arrancar um pouco desiludido por estarem poucas pessoas.	Gostei da dinâmica inicial.	Estive ao sol e a reflexão coletiva-partilha foi muito interessante.	Muitas questões interessantes, mas não tantas conclusões Envolvimento e participação.	Satisfação pela qualidade do encontro. Inquietação em relação ao encontro final
Aguardar o arranque dos trabalhos	Realização da xx ² tarefa: xx e curiosidade pela resposta conjunta a colega que não conhecemos	Stress na apresentação das conclusões do grupo de trabalho.	Debate sobre os processos colaborativos	Reflexão final
	Bom nível de participação e reflexão conjunta	Calor, boa disposição, bons petiscos	Boas ideias; bom questionamento	

² Grafia ilegível.

Animada Na expetativa	A construir e motivada	Bom trabalhar em grupo – partilha e reflexão	A refletir e a absorver. A acusar algum cansaço (reequilibrar as energias do grupo)	Perda de energia – alguma dispersão e repetição de ideias. Tarde longa de trabalho. → motivada para os próximos passos!
Expectativa. Energia.	Envolvimento Motivação	Envolvimento. Cooperação.	Quebra de energia.	
Cabeça meio adormecida. Com vontade de acordar, já que para a reflexão é preciso estar (mais que meio) acordado.	Rinite alérgica.	Depois do almoço, não sei se pelas reflexões e aprofundamentos, comecei com dores de cabeça. Mas foi fixe!!	Grupos e discutir ajudam a manter a atenção. Boas ideias.	Comecei a sentir um friozinho nas costas e o cansaço começou a bater. Participação do grupo começou a fraquejar e tem implicações na predisposição individual.
Feliz por rever pessoas amigas. Cansada da viagem. Sonolenta.	Mais desperta. Mais envolvida. Mais faladora.	Aliviada pela reflexão profunda e livre. Animada. Feliz pelos bons processos.	Agradada com a reflexão anterior. A começar a ficar cansada.	Infelizmente o cansaço levou-me a voltar a "baixar a temperatura". A parte final foi menos entusiasmante.
Cansaço mas também boas expectativas pois estes encontros costumam fazer-me bem.	+ vibrante + energia	Feliz após o grupo de trabalho.	Cansada (eu vim de longe no sentido literário e literal). Com menos energia mas com mais ideias.	Sentimento de culpa por não estar mais disponível para o trabalho que vem aí mas pensando que o meu mês de maio vai ser febril!!
		Escuta ativa. Aprender. Compreender.	Reflexão crítica → inquietação. Perguntas geradoras	Em reflexão. Cansaço, mas com motivação.
Ambiente de chegada – prazer em reencontrar o grupo	Partilha de opiniões livre, espontânea, sincera Trabalho com elementos que não conhecia (só de vista)	Share (grande grupo) Almoço cheio de sorrisos, de surpresas, de encontros, de ambientes	Muito construtiva esta reflexão de grande grupo!	Pena ter que sair mais cedo!

TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS INDIVIDUAIS ÀS QUESTÕES SOBRE PROCESSOS COLABORATIVOS

O que motiva/ou a	Dar continuidade à parceria anterior, alargando-a.				
colaboração?	A procurar o conhecimento / reflexão crítica sobre a temática central da				
	parceria: a ECG nas ESE.				
	Vontade de trabalhar em conjunto pela partilha de conhecimento e				
	experiências.				
	Enriquecimento e consolidação do conhecimento na ED + educação formal +				
	educação não formal. Rede colaborativa a norte – ligação institucional. Descentralizar.				
	Proximidade geográfica.				
		Colaboração em si mesma.			
	O contexto do projeto.				
	A proximidade geográfica.				
	O conhecimento anterior pessoal.				
	A necessidade de levar eventos a outras geografias.				
	Vontade de aprofundar relações ed. formal e não formal.				
	A colaboração em si mesma – enquanto experiência de transformação social.				
	Os objetivos e resultados propostos ao nível do projeto.				
	A consciência da importância deste tipo de parceria.				
	OSC + ESE, universidade, centros de investigação. Pela complementaridade – confronto de competências, de métodos para				
	chegar aos objetivos.				
	Interesse geral sobre o tema (ED) e na aproximação IES/OSC.				
	Possibilidade de aprender com várias pessoas / entidades em diferentes pontos				
	de experiência no tema.				
	Contato com uma dimensão mais prática da ED.				
	Cruzamento de campos de ação / temáticos.				
	Trabalhar coletivamente partindo de um documento prático sobre ED,				
	capacitação.				
	Conhecer melhor os processos das ESE → aprender.				
	Influenciar (colocar sementes e propor a curiosidade) sobre formatos				
	diferentes, metodológicos e de conteúdos.				
	Interesses / preocupações comuns, com vista ao trabalho em ED nos respetivos contextos profissionais.				
	Necessidades recorrentes de uma prática profissional que se quer				
	transformadora.				
	Partilha de objetivos, capacitação de jovens, promoção da cidadania.				
	Potencial / perspetiva de complementaridade entre know-how académico e				
	abordagem / experiência informal.				
	Empatia pessoal.				
	Proximidade geográfica (relativa).				
	Continuidade do trabalho anterior.				
	Alargar conhecimento → novas entidades.				
	Continuar trabalho de ED nas ESE.				
O que mudou na	Maior conhecimento / proximidade da realidade OSC.				
perceção do/as(s)	Maior conhecimento de outros em relação a mim.				
outro/a(s)?	Maior proximidade / identificação em relação ao inicialmente esperado.				
	A ENF como abordagem pedagógica e não apenas como estratégia				
	pedagógica.				
	Que, sobre o mesmo aspeto/assunto a universidade pode ter visão diferente e como tal dar-nos uma nova perspetiva sobre ele.				
	Que os timings dos parceiros não são os meus.				

Ensino Superior.

Interconhecimento → proximidade – empatia.

Disponibilidade para questionar.

No campo dos grupos-alvo da ação colaborativa e reflexão permitiram uma nova perspetiva e necessidade de uma prática que favoreça e integre a transformação social.

Maior perceção das "institucionalidades".

Perceção das diferentes pessoas / personalidade nas instituições \rightarrow dificulta ou facilita a colaboração.

Perceção de como o outro me/nos perceciona.

O que é que não conseguimos ultrapassar juntos/as?

A falta de tempo para nos juntarmos mais vezes e refletir em conjunto. No fim de contas: a falta de oportunidade de nos influenciarmos mutuamente. Limitações de tempo.

A falta de tempo para a colaboração.

A necessidade de "sintonia" que a parceria, pelo seu tamanho, exigia.

Não consegui sentir que tenhamos criado um grupo.

Falta de tempo → - sintonia – influência mútua.

As agendas profissionais → por vezes, a difícil gestão do tempo e do trabalho → mais tempo para trabalhar rumo aos objetivos.

(Inter)comunicação para além de aspetos práticos da colaboração. Não discutimos / construímos um caminho ligado à ED. A ED enquanto "conteúdo" esteve afastada.

Em geral, fomos ultrapassando em conjunto as (poucas) dificuldades. As circunstâncias institucionais: dispersão dos elementos da associação fez com que não houvesse capacidade de concretização da nossa parte.

O que alterou nas minhas (entidade) práticas?

Possibilidade de reflexão conjunta sobre prática.

Ganhos pessoais.

Maior grau de confiança e interação.

Valorização das temáticas e outros atores.

Maior interesse e conhecimento da ED.

Na Ubicool – a experiência em análise, tentativa de usar dinâmicas com jovens sobre cidadania global.

Criar espaço para o Sinergias na agenda pessoal.

Não ser necessariamente preciso estar fisicamente presente nas ações para correrem bem.

Maior grau de confiança e de interação.

Maior abertura, atenção e valorização da educação não formal (entidade).

Diversificação das parcerias.

Maior sentido de alerta e de resposta focada e assertiva.

Fortalecimento de um sentido de partilha e construção coletiva.

Novos conteúdos e problemáticas.

Metodologias não formais e participativas.

Nada em particular.

Houve um ligeiro afastamento / desligar.

A SE, mesmo que nem sempre de forma estruturada, fez com passasse a ter mais consciência das dinâmicas de trabalho mesmo com outros parceiros. Mais do que alterar, reforçou a importância da dimensão da diversidade no processo colaborativo.

Gestão e cuidado pelas várias partes do grupo (horizontalidade nas contribuições, reforço da confiança, espaço para a reflexão) foram as práticas / são aprendizagens transversais às 2 edições do projeto.

O que fica do processo colaborativo?

Uma vontade de continuar a comunicar e a colaborar.

Um processo muito rico de reflexão sobre ED, capacitação, colaboração, certificação e trabalho entre pares

O documento pelo qual iniciámos este processo (referencial de capacitação *Sinergias ED*) em fase final de revisão.

Conhecimento de outras entidades.

Reflexão sobre os limites da colaboração entre OSC e IES.

Reflexão sobre diferentes perspetivas de "conhecer".

Uma equipa!!

"Sementes" para novos desafios e trabalhos em ED.

Novas perspetivas e problematizações para a prática profissional / desenvolvimento da prática profissional.

Complementaridades e desafios do trabalho colaborativo.

Relação de confiança sobre a qual se pode construir no futuro.

Mais ferramentas de trabalho e capacidade de estruturar trabalho em parceria.

Diversidade institucional, concetual, metodológica e de práticas.

Pouco profundo, portanto não sei se ficou muito para além do evento realizado.

Um grupo de pessoas que confia umas nas outras - cumplicidade.

3 instituições que avançam com um novo projeto conjunto.

Um conjunto de ações "para fora" realizadas com "sucesso".

Momentos de debate e reflexão conjunta muito ricos.

Novas e renovadas relações.

Processo colaborativo é diferente de fazer a ação.

Melhoria de uma prática.

Individual é diferente do organizacional.

Novas relações.

Novas perspetivas de trabalho.

A vontade de fazer melhor.

Um produto muito concreto: o perfil do/a voluntário/a jovem e as suas motivações, ajudando a Coolabora no recrutamento de voluntários/as.

A experiência partilhada com o IPG que já tentou e não conseguiu implementar a iniciativa congénere e que referiu a importância de conhecer a da Coolabora.

Uma reflexão conjunta que trouxe contributos para a nossa prática.

As lições da experiência / ação – o interesse em aprender com a experiência.

A partilha das inquietações, expectativas e experiências individuais e organizacionais.